

VISÃO DO PARAÍSO

por AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

A trajetória do professor Sérgio Buarque de Hollanda em nossa literatura é das mais curiosas. Surgiu na batalha do modernismo já com as insígnias do chefe, apesar de sua juventude, dirigindo, em colaboração com Prudente de Moraes Neto, a revista "Estética", logo considerada uma etapa fundamental do movimento. Em 1929 o Sr. Amoroso Lima dedicava-lhe um artigo importantíssimo (hoje incluído nos "Estudos"). "O Sr. Sérgio Buarque de Hollanda é dos que contam", dizia então. "É dos que não escondem o que pensam por antipatia." Significativas palavras para o intelectual que havia feito profissão de verdade.

Cessada a fase heróica do modernismo, Sérgio Buarque de Hollanda aparece como crítico literário. Dessa atividade resultou um pequeno livro modelar que é "Cobra de Vidro", alguns de cujos ensaios já revelam o historiador que reponta afinal no grande acontecimento que foram as "Raízes do Brasil". Foi este o livro que demonstrou praticamente que a profunda erudição não é companheira necessária do bolorento e enfadonho. Em geral os que filosofam sobre a nossa história são mal nutridos de informações. "Raízes do Brasil" marcam um momento de fusão da inteligência renovadora, vinda do modernismo, com a tradição erudita. Apresentando esta obra disse Gilberto Freyre: "O escritor paulista é uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer.

Ouvido por Homero Sena, em entrevista incorporada à "República das Letras" Buarque de Hollanda fez profissão de fé anti-tradicionista: "O passado, como simples espetáculo, não me inte-



ressa". Para ele a função da história é precisamente "libertar-nos do passado". Ou melhor: "Uma coisa só porque pertence ao passado não é necessariamente boa". Mas também não é possível a atitude oposta "que todo mundo seja permanentemente revolucionário". Há um lugar sempre para os conservadores. Quer dizer que Sérgio Buarque de Hollanda se recusa terminantemente a ver na função do historiador a de um mágico que dissimule os males do presente com uma fuga para o passado. Ele quer procurar na história as origens dos traços da nossa fisionomia presente, sem fraudes nem disfarces, mas com precisão e franqueza dignas de um homem de ciência. Mas não esquece sua formação estética. As mais complexas e eruditas exposições guardam a marca do intelectual que marchou do campo das letras para o da história sem renegar sua vocação.

Nesta "Visão do Paraíso", originalmente uma tese universitária, aparecem alguns temas básicos de nossa formação encarados com uma profundidade e uma objetividade que lhes dão um relevo até agora não atingido.

O principal deles é a diferenciação entre a América Espanhola e a América Lusitana, resultante de alguns traços da fisionomia espiritual das duas raças e que tiveram no Novo Mundo uma projeção marcante e são raramente levados em conta pelos estranhos. A tendência ao realismo português, em contrapartida ao imaginativo espanhol, permitiu a famosa "boutade": retire-se tudo o que há de grandioso num espanhol e resultará daí um português. Será isto o resultado do escolasticismo e da dialética medieval, que resistiu em solo luso à retórica renascentista? É a hipótese que o autor examina detidamente. O fato é que as mais difundidas lendas comuns a todo o continente, como a de Sumé e do El-Dorado, assumem, no mundo português, uma feição menos fantástica.

Esta nova edição da "Visão do Paraíso" aparece, como convém consideravelmente aumentada. Uma obra clássica sobre o tema, escrita no século XVII, o "Paraíso na América", de Antônio León Pinelo, só recentemente pôde ser consultada. Uma ampla pesquisa pessoal a grandes bibliotecas americanas proporcionou também a colheita de elementos novos, importantíssimos, que foram incorporados ao texto primitivo.

Não é um livro que interesse somente a brasileiros. É uma obra que pertence, sem dúvida alguma, ao pensamento historiográfico universal. Atinge alguns pontos básicos para a compreensão da alma latina do continente.

Simbolo
set. 1977